

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

IARA CAMPOS DOS SANTOS

**REINTERPRETAÇÃO DO TEMPO EM *O DIA QUE DUROU 21 ANOS*: A  
RELAÇÃO ENTRE MEMORICIDADE E OBRAS DOCUMENTAIS**

Monografia

Mariana

2018

[Digite aqui]

IARA CAMPOS DOS SANTOS

**REINTERPRETAÇÃO DO TEMPO EM *O DIA QUE DUROU 21 ANOS*: A  
RELAÇÃO ENTRE MEMORICIDADE E OBRAS DOCUMENTAIS**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo  
da Universidade Federal de Ouro Preto como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel em Jornalismo

Orientador: Prof. Claudio Rodrigues Coração

Mariana  
2018

[Digite aqui]

Catálogo na fonte elaborada pelo bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. 1407

S237r Santos, Iara Campos dos  
Reinterpretação do tempo em O dia que durou 21 anos  
[recurso eletrônico/gravação de vídeo/filme cinematográfico]  
: a relação entre memoricidade e obras documentais  
/ Iara Campos dos Santos.-Mariana, MG, 2018.  
1 CD-ROM; 4 3/4 pol.+

TCC (graduação em Jornalismo) - Universidade Federal  
de Ouro Preto, Mariana, 2018

1. Documentário - Teses. 2. MEM. 3. Jornalismo - Brasil  
- História - Teses. 4. Monografia. 5. Ditadura - Brasil  
- Teses. I. Coração, Cláudio Rodrigues. II. Universidade  
Federal de Ouro Preto - Instituto de Ciências Sociais  
Aplicadas - Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo  
e Serviço Social. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 070.4  
: 15  
: 1419836

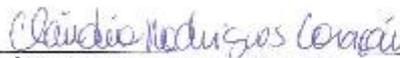
Iara Campos dos Santos

Curso de Jornalismo – UFOP

REINTERPRETAÇÃO DO TEMPO EM O DIA QUE DUROU 21 ANOS:  
A RELAÇÃO ENTRE MEMÓRICIDADE E OBRAS DOCUMENTAIS

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração



Profa. Me. Dayane do Carmo Barreto



Profa. Dra. Maria Regina Muiu

Mariana, 21 de fevereiro de 2018.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Delma e Genival, por sempre me permitirem uma educação de qualidade. Por compreenderem a distância e mesmo com ela continuarem sendo fonte de amor, tranquilidade e segurança. A vocês todo o meu amor e gratidão.

Ao meu irmão, Iago, por mesmo na distância sempre se preocupar com o meu bem estar e felicidade. Por servir de exemplo e ser fonte de apoio, desde o início dessa caminhada.

Aos meus familiares, tios e primos, por toda a torcida e expectativa a cada conquista. Por nunca me deixarem esquecer quais são minhas raízes e o que realmente importa nessa vida.

Aos meus amigos de São José, por mostrarem que uma amizade verdadeira é construída com o tempo, e que a distância ou ausência, em certos encontros, não enfraquece os laços criados.

Ao jornalismo 14.1, por todas as aulas, trabalhos, correrias e aprendizado. Por mostrarem que a faculdade além do conteúdo, nos proporciona pessoas para a vida.

Ao Claudio Coração por tornar esse trabalho possível, me ajudando de todas as formas, sempre com paciência e dedicação. Obrigada pelo empenho e zelo ao longo desse tempo.

À minha amada República Pin-up's, por vezes entenderem minha ausência e preocupação para a construção desse trabalho. Por ser um refúgio diante das correrias da faculdade. Obrigada pelas risadas, cafés, filmes, alegrias e festas. Levo vocês comigo por onde for.

Às pessoas que Mariana e Ouro Preto me proporcionaram conhecer. Cada um, à sua maneira fez com que a distância de casa e os empecilhos da faculdade ficassem pequenos.

À UFOP por ter sido local de conhecimento e aprendizado. Por ter me permitido amar o jornalismo cada dia mais. A todos os professores e técnicos, muito obrigada por terem sido peça essencial no dia-a-dia.

## RESUMO

Este trabalho pretende compreender o período referente à ditadura civil-militar brasileira, e questões relacionadas à memoricidade, por meio da análise de elementos e características específicas no documentário *O dia que durou 21 anos*, dirigido por Camilo Galli Tavares. O documentário aborda pontos políticos e sociais do período ditatorial e a influência norte-americana sobre ele. Destacamos que o trabalho pretende abordar o documentário como “construtor de memoricidade”. A metodologia se baseia nas seguintes categorias de análise: materiais de arquivo, testemunho como forma de experiência e condução narrativa. Com isso, concluímos e destacamos a grande influência e importância de certos trabalhos, que abordam questões referentes a uma época significativa para a história do país.

**Palavras – chave:** documentário; *O dia que durou 21 anos*; memoricidade.

## ABSTRACT

This work intends to understand the period referring to the Brazilian civil-military dictatorship, and questions related to the memory. Through the analysis of elements and specific characteristics in the documentary *The day that lasted 21 years*, directed by Camilo Galli Tavares. The documentary addresses political and social issues of the dictatorial period and the American influence on it. We emphasize that the work intends to approach the documentary as "constructor of memoricity". The methodology is based on the following categories of analysis: archival materials, testimony as a form of experience and narrative conduction. With this, we conclude and highlight the great influence and importance of certain works, which address issues regarding a significant era for the country's history.

**Keywords:** documentary; *The day that lasted 21 years*; memorability.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 1</b> – Divulgação de áudio de conversa entre John Kennedy e Lyndon Johnson – Fala de Kennedy .....	28
<b>FIGURA 2</b> – Divulgação de áudio de conversa entre John Kennedy e Lyndon Johnson – Fala de Johnson .....	29
<b>FIGURA 3</b> – Telejornal da CBS – Notícia retratando o território de Cuba .....	30
<b>FIGURA 4</b> – Comício no qual Fidel Castro discursava .....	30
<b>FIGURA 5</b> – Notícia do Jornal Última Hora que trata sobre a renúncia de Jango .....	31
<b>FIGURA 6</b> – Notícia do Jornal Última Hora que trata sobre a situação do Brasil .....	31
<b>FIGURA 7</b> – Jornal Última Hora – Notícia que anuncia a chegada de Jango no Brasil .....	32
<b>FIGURA 8</b> – Documentos Confidenciais .....	32
<b>FIGURA 9</b> – Documentos considerados TOP SECRET dos EUA .....	33
<b>FIGURA 10</b> – Documentos do Departamento de Estado .....	33
<b>FIGURA 11</b> – Documento referente ao Ato nº1 (AI-1) .....	34
<b>FIGURA 12</b> – Carlos Fico – Historiador pela Universidade Federal do Rio de Janeiro .....	36
<b>FIGURA 13</b> – Robert Bentley – Assistente do Embaixador Lincoln Gordon .....	36
<b>FIGURA 14</b> – James Green – Historiador – Brown University – EUA .....	37
<b>FIGURA 15</b> – Peter Kornbluh – National Security Archives – EUA .....	38
<b>FIGURA 16</b> – Plínio de Arruda Sampaio – Deputado Federal .....	39
<b>FIGURA 17</b> – Denise Assis – Jornalista e Escritora .....	40
<b>FIGURA 18</b> – Data que representa o golpe civil-militar brasileiro .....	41
<b>FIGURA 19</b> – Visita à China – 13 de Agosto de 1961 .....	41
<b>FIGURA 20</b> – Leonel Brizola em Porto Alegre – 27 de Agosto de 1961 .....	42
<b>FIGURA 21</b> – Discurso de João Goulart .....	43
<b>FIGURA 22</b> – Protesto acompanhado de áudio de Leonel Brizola – 30 de agosto de 1961..	43

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>1. QUESTÕES POLÍTICAS E SOCIAIS SOBRE O CONTEXTO DO GOLPE CIVIL- MILITAR BRASILEIRO .....</b>	<b>8</b>
1.1 Influência externa no golpe de 1964 .....	10
<b>2. COMPREENDENDO O DOCUMENTÁRIO .....</b>	<b>13</b>
2.1 Documentários como construção do real .....	14
2.2 O documentário e a realidade .....	14
2.3 Organização narrativa no documentário .....	15
<b>3. O DIA QUE DUROU 21 ANOS E SEUS SIGNIFICADOS .....</b>	<b>18</b>
3.1 Elementos documentais em <i>O dia que durou 21 anos</i> .....	19
3.2 O tempo como parte da narrativa em <i>O dia que durou 21 anos</i> .....	21
<b>4. MEMORICIDADE COMO MARCA FUNDAMENTAL DE ANÁLISE .....</b>	<b>23</b>
<b>5. ELEMENTOS CONSTITUINTES DE UMA MEMORICIDADE EM <i>O DIA QUE DUROU 21 ANOS</i>.....</b>	<b>27</b>
5.1 Materiais de Arquivo .....	27
5.2 Testemunho como forma de experiência.....	34
5.3 Condução narrativa .....	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

O período referente à ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) foi marcante em muitos aspectos. No que se refere a uma historicidade, o período representa a predominância de um regime de exceção, com rupturas e desdobramentos que se fazem presentes até os dias de hoje. Todo o contexto em que está inserido, considerando-se o pré-golpe, a ditadura em si e o pós-golpe influenciou a trajetória de inúmeros políticos, civis e cidadãos brasileiros. É a partir dessa “presença” que a editora Pequi Filmes, sob a direção de Camilo Galli Tavares, lança no dia 29 de março de 2013, o documentário *O dia que durou 21 anos*.

Planejado para abordar a história de Flávio Tavares, pai de Camilo Tavares, que foi opositor do regime de 1964, além de ter sido um preso político banido do país, o documentário aborda a descoberta de diversos documentos a respeito da ditadura civil-militar brasileira. A partir disso, o objetivo principal centra-se na influência norte americana na ditadura brasileira e nos acontecimentos que antecederam o golpe de 1964. É nesse contexto que o trabalho se mostra relevante. Ao tentar retratar várias questões, explica a situação do país naquela época, apontando as condições políticas e sociais, além de tentar esclarecer para o público a influência externa exercida pelo governo estadunidense nos rumos da política brasileira. A obra ainda é responsável por permitir uma discussão a respeito de uma história recente.

O presente trabalho pretende analisar e discutir as questões políticas e sociais do país, além de abordar diretamente a situação do Brasil na época referente à ditadura. Uma vez que o país enfrentava uma considerável crise resultante da deposição do então Presidente da República João Goulart, sendo necessário entender os fatos e acontecimentos que antecederam o golpe até a concretização do mesmo.

Através da análise e da discussão acerca do documentário, o trabalho procura evidenciar a maneira como ele auxilia e destaca para o público informações de aspecto pedagógico fazendo com que elementos e notícias até então desconhecidos sejam incorporados, gerando uma reflexão sobre um assunto tão importante para a história do país.

Para isso, durante o trabalho, procura-se comprovar a intensa relação entre o documentário e o relato histórico, destacando o forte caráter de construção de memoricidade presente na obra, que permite que o espectador se familiarize e crie uma proximidade diante de fatos distantes do seu cotidiano. Através dos procedimentos metodológicos utilizam-se como critérios de análise os seguintes elementos: materiais de arquivo, testemunho como forma de experiência, condução narrativa.

O trabalho é estruturado de maneira com que os capítulos abordem questões relevantes, e com isso permitam uma reflexão acerca do tema, além de proporcionar uma fundamentação com base nas informações ali reveladas. Para isso, o primeiro capítulo intitulado como: Questões políticas e sociais sobre o contexto do golpe civil-militar brasileiro, contextualiza toda a situação política e social do país anterior ao golpe, além de evidenciar a influência norte-americana sobre o mesmo. O segundo capítulo: Compreendendo o documentário, destaca as principais características presentes nos documentários e a maneira como a reunião delas constrói uma narrativa.

Depois de abordadas questões mais gerais referentes ao documentário e ao período ditatorial, o terceiro capítulo dedica-se a tratar separadamente do nosso objeto de estudo, *O dia que durou 21 anos*, apontando sua ficha técnica, uma breve contextualização sobre seu assunto central, e destacando os elementos documentais presentes na obra. O quarto capítulo: Memoricidade como marca fundamental de análise, trata do assunto principal da nossa metodologia e identifica a importância dos elementos de análise explorados no quinto capítulo intitulado: Elementos Constituintes de uma memoricidade em *O dia que durou 21 anos*.

## **1. QUESTÕES POLÍTICAS E SOCIAIS SOBRE O CONTEXTO DO GOLPE CIVIL – MILITAR BRASILEIRO**

A ditadura civil-militar brasileira, ocorrida de 1964 a 1985, foi um período de intensas modificações. No âmbito político, social e econômico o país passava por mudanças, e uma nova forma de governo, que afetava a população, os meios de comunicação e os políticos que se opunham ao regime. Assim como o período ditatorial em si é bastante complexo, a situação política e os desdobramentos antes do golpe de 1964 se fazem relevantes para o nosso trabalho, uma vez que é necessário entender a “crise” pela qual o país passava e por que a solução encontrada foi a tomada do poder pelos militares.

Com fala simples e vontade de representar o povo, em 1960, Jânio Quadros (UDN) foi eleito Presidente da República. Na época, a constituição vigente era a de 1946, que permitia ao presidente um mandato de cinco anos e a eleição separada de presidente e vice-presidente, fazendo com que, de forma direta, o então candidato a vice-presidente João Goulart (PTB) fosse eleito.

O governo de Jânio Quadros foi marcado inicialmente por um programa contra a inflação, cujo objetivo era a reforma do sistema cambial, incentivando as exportações e dando ao governo a possibilidade de renegociação da dívida externa. Porém, essas medidas resultaram no aumento dos preços dos pães e transportes no país. Essa intensa dedicação à política externa refletia a esperança de uma aproximação com os eixos do mundo pós-guerra, o que ocasionou receio por parte dos grupos internos que buscavam o alinhamento com os EUA. Internamente o governo enfrentava uma carência de base política de apoio.

A conjuntura desses e de outros fatores foi o que impulsionou a renúncia do presidente, no dia 25 de agosto de 1961. Na época, o então vice-presidente João Goulart (também conhecido como Jango) encontrava-se em viagem para a China, colocando o país em uma crise política. A medida encontrada pelo Congresso, no dia 2 de setembro de 1961, foi o empossamento do vice-presidente dentro de um regime parlamentarista que garantiria seu mandato até 1966.

Em Janeiro de 1963, João Goulart recuperou seus poderes presidenciais através de um plebiscito, sendo, logo depois, abandonado por setores da esquerda e da direita. Simultaneamente, nos Estados Unidos, o embaixador Lincoln Gordon e o presidente John Kennedy se reuniam para discutir acerca da situação política no Brasil, destacando a grande possibilidade de Goulart não chegar ao fim do seu mandato.

Nos últimos dias de Março, intensificaram-se as atividades conspiratórias, envolvendo oficiais-generais, oficiais superiores, governadores, parlamentares e empresário. Muitos deles vinham participando de prolongada campanha de desestabilização do governo de João Goulart, sobretudo através de atividades de propaganda política variada, capitaneadas pelo IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais) e pelo IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), que afirmava a incompetência do governo e sua tendência esquerdista (FICO, 2004, p.15).

Em virtude disso, Jango se viu em um governo quase que desestabilizado, e no dia 13 de março de 1964, em um comício, conhecido como Comício da Central, anunciou o projeto do governo na campanha pelas reformas de base, para assim tentar reduzir a crise pela qual o governo passava.

Optou, então, por abraçar as “reformas de base”, independentemente do Congresso, buscando apoio diretamente nas “massas”. Esta é a razão do famoso comício de 13 de março, e de outros que haveria (não fora o golpe), ponto alto de uma escalada de manifestações radicalizadas que também incluíram sublevações de sargentos e praças (apoiados por Goulart) ou, pela direta, uma gigantesca marcha de grupos religiosos atemorizados com a ameaça do “perigo comunista” (FICO, 2014, p.17).

Em meio a essa crise e à tentativa política de Goulart, o país se viu dividido em dois eixos conservadores, o do conservadorismo paulista, que reagiu ao comício realizando uma Marcha da família com Deus pela liberdade, em que apoiava a retirada de Jango do poder. E o Congresso, que tinha como objetivo impedir os projetos de reforma.

Ao entrar em conflito com o Congresso, João Goulart começava a demonstrar seu interesse pela reeleição, mesmo que essa não estivesse prevista pela Constituição. A situação de crise no governo e seu possível agravamento eram de ciência do então presidente. Jango tentaria criar o “dispositivo militar” e as bases sindicais que pressionariam o Congresso para a aprovação de um pacote de reformas e a mudança da sucessão presidencial. Enquanto isso, um golpe estava sendo construído para sua deposição.

Entre as forças que lutavam para a retirada de Jango do poder estava Humberto de Alencar Castello Branco, general chefe do Estado-Maior do Exército, que ficou indignado com a presença de Jair Dantas Ribeiro (ministro do Exército) no Comício da Central, promovido por Jango e, por isso, entregou aos seus comandados uma circular reserva que acusava o atual governo de “antipátria, antinação e antipovo”.

Uma cópia desse circular chegou às mãos dos generais que apoiavam o governo de Jango e, com isso, Castello foi demitido pelo presidente. Uma semana depois da circular, ocorreu uma revolta na Marinha que acabou com a hierarquia na mesma, mostrando que, de certa forma, Castello havia previsto o que dizia na circular. Na conjuntura, Estados como Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, já estavam arquitetando planos para a retirada de Jango do poder.

[Digite aqui]

### 1.1 Influência externa no golpe de 1964

A tomada de poder pelos militares em 1964 teve apoio de vários setores e até mesmo de parte da população. Porém, a influência externa que o golpe sofreu não é usualmente abordada. Os Estados Unidos, principalmente, influenciaram diretamente a situação política da época. Com a alegação de o governo de João Goulart estar cada vez mais se aproximando de um viés comunista, o governo estadunidense arquitetou e ajudou as bases militares na realização do golpe. O documentário *O dia que durou 21 anos*, nosso objeto de estudo, aborda de forma abrangente todo esse apoio e influência por parte dos Estados Unidos no golpe.

Lincoln Gordon (embaixador americano no Brasil entre 1961 e 1966) foi enviado ao Brasil porque falava português e seu objetivo era promover uma campanha contra um governo de esquerda no país. Chegou quando Jânio Quadros ainda estava no poder e fazia de tudo contra as ações do governo de Goulart. Convenceu o Departamento de Estado de que o presidente João Goulart iria implantar uma República sindicalista e que perderia o controle para os comunistas.

Em meio à crise e diante do enfraquecimento do governo de João Goulart, o governo dos Estados Unidos contribuiu para o golpe militar. Em Washington, a preparação de uma força-tarefa naval que se fosse necessária iria para a costa brasileira mostrava o interesse do embaixador americano na futura ruptura.

Em reunião na Casa Branca Lincoln Gordon mostrou-se preocupado com o agravamento da “crise” no Brasil e principalmente que isso refletisse a uma tomada de posição de Jango para a esquerda.

As chances de um golpe de militares direitistas seriam poucas e ele acreditava que, se a tropa saísse dos quartéis, isso ocorreria num cenário defensivo, reagindo a uma ação do governo contra o Congresso ou contra governadores opositoristas. Kennedy perguntaria quais ações concretas poderiam ser tomadas e o embaixador explicaria que via dois cenários. No primeiro Goulart iria embora “em paz”. Antes que o embaixador entrasse no segundo cenário, Kennedy interrompeu-o, mencionando a possibilidade de uma “situação bizarra” que demandasse intervenção militar direta. Para Gordon essa era a “contingência perigosa” (GASPARI, 2014, p.64).

Essa situação demonstra que o embaixador, instalado em Botafogo, preocupava-se com a radicalização política, com a possibilidade de um golpe militar e seu posterior governo. Por isso, foi solicitado ao Departamento de Estado que os consulados do Brasil informassem a Washington qualquer resistência militar ou política a Goulart. Com um discurso em meio à crise, Jango defendeu as Forças Armadas e o direcionamento do governo em relação à rebelião dos marujos, defendendo ainda a reforma da Constituição.

[Digite aqui]

A partir disso, o golpe que sucederia à presidência de João Goulart já era algo certo, sendo apenas questões de tempo. Para Jango continuar no poder seria necessário apostar suas últimas chances e enfrentar as forças armadas que se opunham a ele.

Para que o presidente vencesse nos termos em que seu “dispositivo” colocara a questão, era indispensável que se atirasse num último lance de radicalismo, límpido, coordenado e violento. Contra o levante mineiro, a bandeira de legalidade era curta. Para prevalecer no quadro que radicalizara, Jango precisaria golpear o Congresso, intervir nos governos de Minas Gerais, São Paulo e Guanabara, expurgar uma parte da oficialidade das Forças Armadas, censurar a imprensa, amparar-se no “dispositivo”, na sargenteada e na máquina sindical filocomunista. Tratava-se de buscar tamanha mudança no poder que, em última análise, durante o dia 31 de março tanto o governo (pela esquerda) como os insurretos (pela direita) precisavam atropelar as instituições republicanas (GASPARI, 2014, p.85).

Porém, em virtude desse caos, e forçado a tomar diversas medidas para tentativa de salvar seu governo, Jango optou por manter-se em silêncio no Palácio Laranjeiras. Essa atitude resultou em uma maior desestabilização do seu governo, que se aproximava cada vez mais do fim.

A apologia dos vencedores, procurando abrir a porteira das adesões, estabeleceu que Jango foi derrubado pela vontade geral do povo e das Forças Armadas. A necrologia dos vencidos, procurando fechar o diafragma das responsabilidades, atribuiu à inércia de Jango a causa do desmoronamento do “dispositivo” militar e político sobre o qual se abrigava o radicalismo. Sem dúvida a inércia de Goulart foi um detergente para as forças que o apoiavam. No entanto, ninguém apoiava Jango supondo-o um resoluto. Além disso, nenhuma força à esquerda do presidente tomou iniciativa militar relevante durante o dia 31 (GASPARI, 2014, p.86).

Com um governo desestabilizado e quase sem apoio, no dia primeiro de abril de 1964, o golpe se efetuou de fato. Liderado pelos generais Carlos Luís Guedes e Olímpio Mourão Filho, o movimento golpista facilmente conseguiu adeptos militares, os governadores de São Paulo e Minas Gerais também estavam de acordo. No dia primeiro de abril o golpe aconteceu e Goulart abandonou a presidência, indo para a Brasília, depois para o Rio Grande do Sul e, por fim, se exilando no Uruguai no dia 02 de abril, acompanhado por Leonel Brizola.

Quando o dia raiou, no Rio de Janeiro só havia fogo na trincheira do Correio da Manhã. Um editorial intitulado “Fora!”, estampado no alto de sua primeira página, atirava: “Não resta outra saída ao Sr. João Goulart senão a de entregar o governo ao seu legítimo sucessor. Só há uma coisa a dizer ao Sr. João Goulart: saia (GASPARI, 2014, p.97).

Com o golpe concretizado e a Junta Militar assumindo a presidência, o cenário político ficou conturbado. A repressão e a tortura tornaram-se instrumentos de poder utilizados pelos militares que comandavam o país. Condenavam e combatiam pessoas, meios ou instituições

que fossem contra o governo vigente<sup>1</sup>. Do início da ditadura, em 1964, até o seu período mais repressivo, em 1968, jornais e revistas sofreram represálias. Poucos são os documentos oficiais que abordam as questões políticas da época. Portanto, tratar desse assunto, na atualidade, requer um trabalho minucioso de quem se propõem a fazer. Por isso, trabalhos como documentários que se dedicam a temas como esse, devem ser avaliados.

---

<sup>1</sup> Só foi possível o acesso à essas informações e a contestação da repressão e tortura provocada durante o período militar, após a instauração da Comissão Nacional da Verdade, que deixou clara inúmeras ações que ocorreram durante o período.

## 2. COMPREENDENDO O DOCUMENTÁRIO

O documentário pode ser comparado com a atividade jornalística ao relatar acontecimentos reais. Por conta de algumas proximidades, fornece ao público informações com os mais variados temas, através da utilização de elementos como: preparação de cenários, escolha de personagens, tomadas de câmera, utilização de imagens e vídeos de arquivo, legendas e *letters*, voz over/off que narra os fatos.

Ao contrário do jornalismo televisual, por exemplo, no documentário as narrativas são conduzidas por meio de vários pensamentos, em que os narradores e os personagens dos fatos relatados podem expressar suas “opiniões”, deixando explícitos, ou não, quais pontos de vistas defendem. Segundo Labaki (2002):

A objetividade é uma utopia a perseguir para o jornalismo, seja escrito ou audiovisual, mas não para o documentário. O cinema não ficcional é uma obra de arte que carrega a visão de mundo de seu criador, tanto quanto qualquer filme de ficção esteticamente engajado. Exige-se a busca de objetividade de uma reportagem da CNN ou de um especial da BBC, mas não de um documentário Johan van der keuken, de Frederick Wiseman ou de Geraldo Sarno. O compromisso aqui é com algo mais difuso e complexo que a mera ‘objetividade’. O documentarista procura ser fiel a um só tempo à sua verdade e à verdade dos personagens e situações filmadas. E, como dizia Oscar Wilde, a verdade pura e simples raramente é pura e jamais simples. Não se busca um recorte pretensamente objetivo ou neutro do mundo. O documentário oferta-nos, isso sim, um mundo novo, forjado no embate entre a realidade filmada e a sensibilidade de um cineasta. A vanguarda do documentário contemporâneo trabalha explicitamente esse enfrentamento (Apud: MELO, 2002, p.30).

Por não se preocupar tanto com o efeito de objetividade, e mais com a transmissão de “verdades” narradas, expresso pelo discurso do diretor ou pelos depoimentos e informações contidos na obra, o documentário cria uma potência de identificação e verossimilhança. A principal característica dos documentários clássicos (1930/1940) é a presença da voz over/off: basicamente é a voz que narra, conta a história, porém a “pessoa” não aparece fisicamente no documentário. Esse tipo de recurso é utilizado para esclarecer e conduzir o espectador através do assunto. Em obras como *O dia que durou 21 anos*, em que há diversas informações históricas sendo apresentadas, a utilização da voz-over/off é essencial, já que possibilita ao documentário situar historicamente seu público e passar dados ou fatos por meio de uma interferência externa.

O elemento da imagem-câmera na narrativa também é uma particularidade documental. A escolha das imagens e suas sequências atreladas a depoimentos, materiais de arquivo, reportagens, através da narrativa, determinam a condução da obra. Por possuir o objetivo de contar uma história, as tomadas e cortes de câmera influenciam diretamente na

construção do documentário, uma vez que ajudam a construir um ritmo na narrativa. No documentário, relatos pessoais, através de depoimentos, são frequentes para deixar claro o compromisso com certa “transmissão do real”.

### **2.1 Documentários como construção do real**

Ao documentário são atribuídos características que o classificam como um gênero diferente da ficção. “Documentários é um desses nomes. Designa um conjunto de obras que possuem algumas características singulares e estáveis, que as diferenciam do conjunto de filmes ficcionais.” (RAMOS, 2008, p.23).

O documentário como construção de uma realidade passou por diversas interpretações ao longo do tempo. Até 1950, no que consideramos documentário clássico, era predominante a presença da voz over/off. A partir dos anos 1960, com uma nova forma de fazer cinema, o documentário apropria-se de uma dramatização nas suas construções, os argumentos passam a ser relatados através de diálogos. É depois disso que o depoimento e a entrevista são acrescentados em grande parte aos filmes produzidos. Nos trabalhos em que o objetivo principal é passar informações baseadas em fatos que possuem “provas” históricas, esses elementos aparecem prioritariamente. Em *O dia que durou 21 anos*, a narrativa é fundamentada em imagens de documentos e jornais da época, além de exibir diversos depoimentos de pessoas que viveram os fatos ali descritos.

Tanto a ficção quanto o documentário utilizam de personagens para construir suas narrativas, porém a forma de se incorporar esses personagens na trama é que é diferente. No documentário, eles são utilizados para relatar experiências relacionadas ao tema abordado, já na ficção são utilizados para conduzir a ação, nela os personagens muitas vezes incorporam comportamentos relacionados ao papel que estão desenvolvendo.

Ramos acredita que o espectador já sabe, antes mesmo de assistir ao trabalho, se ele se classifica como ficção ou documentário.

Ao recebermos a narrativa como documentária, estamos supondo que assistimos a uma narrativa que estabelece asserções, postuladas, sobre o mundo dentro de uma conexão completamente distinto daquele no qual interpretamos os enunciados de uma narrativa ficcional (RAMOS, 2008, p.27).

Dentre os variados elementos que garantem a pré-classificação de uma narrativa como documentário, a utilização de depoimentos e fontes torna a obra mais explicativa e cria instâncias de identificação com o público.

### **2.2 O documentário e a realidade**

[Digite aqui]

Quando tratamos de gênero documental há três características essenciais: os efeitos da verdade, objetividade e realidade. Porém a presença ou ausência desses conceitos para a classificação de uma produção são alvos de muita discussão.

A característica mais “defendida” em um documentário é a fidelidade com o real ao descrever um fato histórico. Porém, a confirmação da verdade diante de um fato é questionável. A manipulação, seja através de imagens, depoimentos ou, até mesmo, da condução que a voz narrativiza, dá ao documentário um caráter de crítica. Com isso, Ramos dá uma definição de documentário levando em conta seu compromisso particular com o real:

Se vincularmos a definição de documentário à qualidade de verdade da asserção que estabelece, estaremos reduzidos à seguinte definição de documentário: narrativa através de imagens-câmera sonoras que estabelece asserções sobre o mundo com as quais concordo (RAMOS, 2008, p.30).

Apesar do compromisso com a realidade ser alvo de preocupação em uma obra, a questão da objetividade é uma das mais questionadas. A objetividade, quando analisada no contexto da obra, é responsável por garantir a ela uma sequência narrativa de fácil entendimento para o público, em que as ideias e informações passadas respeitem uma linearidade coesa. Nesse contexto: “Se entendermos por objetividade clareza na exposição das asserções centraremos nossa definição de documentário em uma questão estilística: de que modo expor com a máxima clareza nossa interpretação sobre o fato que enunciamos?” (RAMOS, 2008, p.30).

Em documentários com o objetivo principal de analisar e trabalhar com fatos históricos, por exemplo, a objetividade é responsável por fazer com que as informações, desconhecidas ou esquecidas pelo público, fiquem claras e possam ser compreendidas. Em *O dia que durou 21 anos*, por exemplo, o diretor Camilo Tavares adota uma sequência narrativa em que o público consegue se situar a respeito das informações do pré-golpe, golpe e pós-golpe.

### **2.3 Organização narrativa no documentário**

Por possuir diversas características próprias, como citado anteriormente, o documentário passa a exigir, em sua realização, uma preocupação com a montagem e a maneira como a disposição das informações vai afetar seu público. Ou seja, a simples sequência de fatos ou imagens não é suficiente se não possuir significado no conjunto da obra.

Desde que foi concebido, o gênero documental já passou por diversas modificações. Novos elementos e novas formas de se fazer foram incorporadas às produções. Depois dos anos 1960, os documentários, segundo Consuelo Lins e Cláudia Mesquita (2011), passaram a

abordar problemas e experiências das classes populares, rurais e urbanas, isto é, deram mais visibilidade e “voz” para aqueles que eram excluídos.

Com isso, é frequente a presença de entrevistas e testemunhos, que tornam o documentário mais complexo e explicativo. Através desses recursos, o público recebe detalhes de informações que só é possível quando se tem acesso direto às experiências. Os personagens das entrevistas ou testemunhos são selecionados para acrescentar informações e dialogar com os outros elementos que compõem o trabalho. Algumas vezes esses depoimentos oferecem uma concepção de memória muito importante.

A memória coletiva é muito recorrente em *O dia que durou 21 anos*, a utilização de testemunhos atrelados a materiais de arquivo permitem ao público uma memória referente ao período histórico ali relatado. Um recurso também bastante utilizado e importante é a interação entre imagens, sons, testemunhos e vídeos que geram uma ideia de tempo, de modo que façam com que o público se situe e consiga relacionar cronologicamente os fatos mencionados.

Na montagem das entrevistas e nas pontuações, o documentário elabora um tempo próprio, propiciatório. Entre fotografias, casos, lapsos e silêncios, os personagens criam, na interação com a diretora, as “imagens” de um tempo perdido. Suas performances, mais até do que o conteúdo narrativo das histórias, expressam a imbricação entre memória e esquecimento (LINS; MESQUITA, 2011, p.28).

Os testemunhos e entrevistas são relevantes para uma narrativa, porém dificilmente se constrói uma obra completamente baseada com esses recursos. Documentários são criados a partir de uma reunião de elementos em que a voz é essencial:

Torna-se um procedimento privilegiado. A “voz do povo” faz-se portanto presente, mas ela não é ainda o elemento central, sendo mobilizada sobretudo na obtenção de informações que apoiam os documentaristas na estruturação de um argumento sobre a situação real focalizada. As falas dos personagens ou entrevistados são tomadas como exemplo ou ilustração de uma tese ou argumento, este, muitas vezes, elaborado anteriormente à realização do filme (LINS; MESQUITA, 2011, p.21).

Dessa forma, em obras como *O dia que durou 21 anos*, além do testemunho, a presença de elementos como materiais de arquivo, que dialogam com os depoimentos, se tornam extremamente relevantes. Segundo Didi-Huberman (Apud: LINS; MESQUITA, 2011, p.28), o arquivo possui especificidade para além da prova ou da mera descrição da história: ele será, ao mesmo tempo uma incessante elaboração de significados e o testemunho de um acontecimento.

Para isso, os materiais de arquivo devem ser organizados de modo que suas sequências estejam em sintonia com as fontes e testemunhos, para que o acontecimento seja compreendido e, também, a pluralidade de fatos de eventos históricos seja representada.

Dessa forma, a redistribuição de fragmentos, através de novas ligações entre eles, permite um novo significado para a obra, sendo que quem dirige o trabalho é pensado como alguém autorizado para dar a sequência à narrativa.

Diversos desses elementos, como materiais de arquivo, testemunho como forma de experiência, condução da narrativa e “construção do real”, são identificados em trabalhos que possuem diferentes abordagens. Porém, principalmente em obras como *O dia que durou 21 anos*, em que o objetivo principal é propiciar uma memoricidade, em que tais características se destacam. Para isso, é importante entender o contexto em que o documentário se desenvolve e como ele se utiliza das informações e elementos para construir sua narrativa.

### 3. O DIA QUE DUROU 21 ANOS E SEUS SIGNIFICADOS

Produzido em 2012 e estreando no dia 29 de março de 2013, o documentário *O dia que durou 21 anos* foi realizado através da direção de Camilo Tavares, pela editora Pequim Filmes, sendo seu roteiro original formulado pelo próprio Camilo Tavares. Com uma duração de 77 minutos, o documentário também possui uma versão para televisão na qual, ele foi dividido em três episódios de vinte e seis minutos cada. Por apresentar um caráter de testemunho bastante marcante, o documentário conta com diversos entrevistados que representam tanto o lado dos EUA como o lado do Brasil, além disso, a pluralidade de fontes engloba estudiosos que apenas se apropriam no presente de acontecimentos do passado, mas também, pessoas que vivenciaram pessoalmente os acontecimentos da época. Dentre os entrevistados temos: Robert Bentley, Lincoln Gordon, Carlos Fico, Peter Kornbluh, James Green, Coronel Jarbas Passarinho, Almirante Júlio Sá Bierrenbach, Laurita Mourão, General Newton Cruz, Plínio Arruda Sampaio, Brigadeiro Ruy Moreira Lima, Clodsmith Riani, Coronel Hernani Fittipaldi, Capitão Ivan Cavalcanti Proença.

O documentário *O dia que durou 21 anos* tem como propósito trazer para a atualidade a discussão de uma importante época da história do Brasil, o contexto da ditadura civil-militar de 1964 a 1985. O diretor Camilo Galli Tavares reconta os fatos, trazendo para o público informações consideradas secretas durante 46 anos. Com entrevistas realizadas por Camilo e Flávio Tavares, o filme já adquire relativa proximidade com o tema, uma vez que Flávio participou da luta armada, e sofreu repressões durante o período ditatorial, indo para o exílio no México. Camilo Tavares (filho de Flávio) explora, ao longo da narrativa e das entrevistas, as lembranças e experiência do pai.

O documentário fornece uma ideia e contextualização de todo o cenário político da época. Dividido basicamente em três partes, situa o público descrevendo: pré-golpe, golpe, e o pós-golpe. Iniciado no ano de 1961, trata da renúncia de Jânio Quadros e a consequente influência estadunidense em toda a preparação para o golpe que aconteceria no ano de 1964. Durante essa primeira parte fica evidente a necessidade de se mostrar, a todo o momento, o fato de os Estados Unidos apontarem o governo de João Goulart como “comunista”, com a finalidade de justificar a ruptura institucional que aconteceria posteriormente.

Logo depois, o documentário dedica-se em explicar o golpe de fato, que ocorreu na madrugada do dia 31 de Março de 1964. Os depoimentos e imagens da época indicam ao público a “facilidade” da consumação do golpe. Contesta-se, através dos depoimentos, o fato de João Goulart não ter resistido à implantação do regime militar, fazendo com que os

[Digite aqui]

Estados Unidos nem utilizassem suas tropas que estavam no porto de Santos, prontas para atacar. É também relatado minuciosamente o golpe, por meio da apresentação de documentos confidenciais do governo estadunidense.

Na terceira e última parte, dedicada a mostrar os desdobramentos do pós-golpe, o documentário aponta o reconhecimento do novo governo no dia 2 de abril de 1964, por parte dos Estados Unidos, a partir da recomendação de Lincoln Gordon. Com isso, o documentário mostra o descontentamento de quem viveu ou estudou o golpe, por este ter dado poder a uma linha militar repressiva e “dura”.

### **3.1 Elementos documentais em *O dia que durou 21 anos***

O documentário valida-se de algumas características próprias. A utilização da voz over/off é elemento decisivo, já que ela narra os fatos através de uma linha de raciocínio conduzida pelo diretor e ajuda a situar melhor o espectador acerca de assuntos tratados. Além disso, depoimentos e relatos de pessoas que são participantes ativas ou entendedoras do assunto tratado podem criar a sensação de aproximação com o público, trazendo uma maior identificação a ele. Em *O dia que durou 21 anos*, especificamente, muitos desses elementos são utilizados para dar conta do “esclarecimento da verdade” e reinterpretação da história. A presença de depoimentos de políticos, militares, historiadores, jornalistas, diplomatas e estudiosos traz visões de pessoas que participaram direta ou indiretamente do golpe e, com isso, direciona o público acerca de fatos sobre o tema. Além disso, são abordadas fontes diversas, garantindo uma pluralidade de falas. Duas fontes são extremamente importantes para a construção da narrativa: Peter Korn Bluh (coordenador dos arquivos de segurança nacional dos Estados Unidos) e James Green (historiador da Brown University), pois através delas que os acontecimentos são relacionados, os documentos apresentados estão explicados e diversos fatos históricos são recuperados.

Por abordar um tema relacionado à história recente, o documentário conta com a divulgação de vídeos de acontecimentos das últimas décadas. Esse recurso acrescenta e torna mais “atrativa” a obra, fazendo com que os fatos não fiquem só no imaginário mais fantasioso. Com a divulgação dos arquivos, tem-se acesso a determinados acontecimentos, e assim uma história é relatada. A grande maioria dos vídeos é associado aos depoimentos e serve para ilustrar o conteúdo presentes na fala, por isso, há quase que majoritariamente a divulgação de discursos de João Goulart, Leonel Brizola, Fidel Castro; reuniões de posse; comício ou discussões no Congresso. Em muitos momentos, os áudios dos vídeos são cortados, utilizando apenas sua sequência de imagens, e a eles são acrescentadas músicas de

[Digite aqui]

suspense garantindo uma sequência embalada pela trilha sonora. Para além dos vídeos, o documentário também conta com a exibição de imagens que ilustram os fatos, principalmente lugares e pessoas citados na narrativa. As imagens são acompanhadas de legendas que situam o público temporalmente e a respeito dos assuntos retratados. A imagem inicial do documentário já se torna bastante emblemática ao apresentar um mapa mundi (fazendo alusão a interferência externa no golpe civil-militar) e a marcação da data do golpe (31 de Março de 1964) localizada no que parece ser um rádio relógio colocado sobre a mesa. Essa imagem se mostra importante, por logo no início antecipar de maneira visual ao espectador muito do assunto abordado ao longo da narrativa. No final da obra, ao tratar sobre a tortura existente no período, a imagem de um torturado acompanhada de uma trilha sonora, câmera lenta e um leve congelamento no final faz com que o diretor consiga passar a mensagem de que o período foi duramente repressivo.

*O dia que durou 21 anos* revela fatos até então desconhecidos pela sociedade. Com informações inéditas de uma época bastante estudada, o documentário dá conta de trazer para o presente discussões novas e fundamentadas. Através de exposição de documentos secretos, os depoimentos são interligados a fatos esclarecidos com conteúdos: cartas do departamento de Estado do embaixador Gordon, carta da embaixada dos Estados Unidos da América. Assim como as imagens, alguns documentos também são utilizados para ilustrar o que a narrativa apresenta, como é o caso do livro confidencial, que mostra nome e fotos dos apoiadores de Gordon, lista dos cidadãos que tiveram seus direitos políticos cassados pelo AI-1. Dentro do documentário há também uma forte utilização de documentos para cortes de cenas.

Assim como os outros elementos aplicados no documentário, os arquivos de rádio, televisão e jornais impressos retratam a narrativa, mas, principalmente, mostram ao espectador provas de que a história relatada realmente aconteceu, dando uma dimensão da forma como foram relatados na época. Ao utilizar desses arquivos, a obra ganha um caráter “mais jornalístico” por não se concentrar em apenas documentos históricos e depoimentos para atestar sua veracidade.

Por possuir uma narrativa informativa, *O dia que durou 21 anos* se preocupa em situar e explicar para seu espectador termos específicos do mundo político como (IPES<sup>2</sup>, IBAD<sup>3</sup>) fazendo com que a narrativa transcorra na sua linearidade, sem serem necessárias pausas para pesquisas externas. Para isso, o diretor recorre a falas dos depoimentos que, em meio a relatos históricos, esclarecem termos. Além disso, a todo o momento, são colocadas legendas que

---

<sup>2</sup> IPES: Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais

<sup>3</sup> IBAD: Instituto Brasileiro de Ação Democrática

situam e fazem com que o público identifique o que está sendo mostrado, e muitas vezes até a data de quando aconteceu o fato.

O documentário, além de apostar no tom informativo e esclarecedor, possui uma posição de questionamento, ao gerar dúvidas e inquietações com relação a temas e fatos do período, e ao possibilitar uma nova reflexão sobre o passado. Quando se é relatado o golpe, o depoimento do historiador claramente questiona o fato da resistência de João Goulart ser dada como algo certo, e a não conclusão do seu raciocínio faz com que o espectador leve esse questionamento para além do documentário.

### **3.2 O tempo como parte da narrativa**

A questão temporal ganha várias interpretações e análises ao se discutir sua relevância e empregabilidade. Nas ciências humanas, ganha duas definições bastante usuais: experiência social, estando ligada à diferença que apresenta em cada época histórica, e o tempo como condutor da narrativa, sendo sua humanização dada através da forma como é narrado. Nos meios de comunicação convencionais como jornais, revistas, programas televisivos, a transmissão da informação é marcada pela ordem temporal de acontecimento dos fatos. Com a ascensão dos meios digitais, surge o conceito de “tempo de fluxo” em que o presente é estendido e os acontecimentos são sempre atualizados.

Na contemporaneidade muito se fala a respeito do “fluxo contínuo de informações”, um tempo em que os prazos estão “desaparecendo” e o *eterno presente* (BARBOSA, 2014, p.21) se instaura. Essa nova forma de lidar com o tempo acaba por extinguir a chamada memória espontânea, e torna necessário o registro do presente e o retorno do passado. Com isso, o “medo do futuro” é uma preocupação, sendo que, ao lidar com o presente como se fosse eterno, as atitudes e ações podem não ser devidamente pensadas.

O conceito de “tempo midiático” (BARBOSA, 2014, p.20) dá conta de explicar a preocupação dos meios de comunicação com o futuro, e para isso promoverem a construção de narrativas que posteriormente possam ser utilizadas. Resgatando essas narrativas, os documentários conseguem narrar o passado ao utilizar arquivos, testemunhos, documentos para fundamentar suas discussões.

O “tempo histórico” define o tempo como algo vivenciado e construído através da ação humana. Além disso, a temporalidade não teria relação com o tempo físico dos filósofos. Existe ainda a classificação dos “trunfos do tempo longo”, em que a história deixa de relatar os acontecimentos para registrar aquilo passível de duração.

Nesse sentido, documentários como *O dia que durou 21 anos*, que abordam determinados momentos da história, destacando sua importância para a sociedade e evidenciando sua questão temporal, propiciam ao espectador uma construção de memória e entendimento referente a uma época da qual ele pode não ter feito parte. Diante disso, é importante destacar a memoricidade proposta por essas obras.

#### 4. MEMORICIDADE COMO MARCA FUNDAMENTAL DE ANÁLISE

Trabalhos que objetivam uma ressignificação de certa época ou de acontecimentos utilizam-se, geralmente, de arquivos com informações já divulgadas para consolidarem os fatos descritos, garantindo certa familiaridade em relação a acontecimentos não pertencentes ao período histórico no qual a pessoa está vivendo. No documentário *O dia que durou 21 anos*, o diretor Camilo Tavares dispõe-se de diversos recursos e elementos que reafirmam a importância histórica do assunto ali retratado. Destaca-se também a relevância que a memória e a identidade social têm ao serem utilizadas para abordar os fatos e acontecimentos da época.

Ao tratar de determinados períodos históricos, como é o caso de *O dia que durou 21 anos*, são utilizados e expostos mais fatos que tenham certa ligação com a memória (lembranças ou relações com acontecimentos da época) do que com simples descrições. Com a grande recorrência ao uso da memória para descrever e retratar esses fatos, é importante o seu entendimento, uma vez que esta não pode simplesmente ser baseada em relatos ou vivências pessoais de indivíduos que acompanharam ou tiveram experiências em determinadas épocas.

A memória é construída coletivamente e está sujeita a mudanças, ou seja, a mesma história pode mudar dependendo dos interlocutores ou do momento em que se passa a história. Porém, em algumas memórias, sejam elas coletivas ou individuais, há fatos que são invariáveis. Ou seja, no processo de construção da memória a presença de certos elementos acaba por contribuir e fazer parte da essência do indivíduo.

Diversos elementos podem constituir a memória. Entre eles: *acontecimentos, pessoas ou personagens, lugares e datas*. Primeiramente, destaca-se os acontecimentos, entre eles os *acontecimentos vividos pessoalmente*, em que o relato transmitido pelo indivíduo corresponde a um fato vivenciado do qual ele possui familiaridade. Já os *acontecimentos “vividos por tabela”* têm relação com a ocorrência de fatos vividos por um grupo do qual o indivíduo se diz fazer parte, ou seja, a pessoa não necessariamente participou do acontecimento, mas ao ouvir relatos carregados de detalhes, feitos por pessoas próximas, acaba, por quase que obrigatoriamente, tratando o acontecimento como parte da sua vida.

Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio de socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992, p.2).

Através desses acontecimentos “vividos por tabelas” é que acreditamos que, Camilo Tavares, em *O dia que durou 21 anos*, por exemplo, tenta estabelecer uma memória referente à ditadura civil-militar brasileira. Ao basear-se em depoimentos de participantes ativos na época, o documentário procura construir uma memória dos espectadores através de acontecimentos não vivenciados por eles.

A memória também pode ser construída através de personagens ou pessoas. Possuindo o mesmo tratamento que os acontecimentos, esses personagens podem ter feito parte de algum momento da vida dos indivíduos. Existem também aqueles personagens que podem ter ligações indiretas com os indivíduos (personagens frequentados por tabela) e aqueles que não pertencem ao período histórico que o indivíduo vivencia. Como acontece com diversas pessoas da época do regime militar no Brasil, que mesmo não tendo presenciado os atos ou ações por eles praticadas, ao ouvirem relatos referente a eles é criado nesses indivíduos uma memória correspondente a essas pessoas.

Os lugares também podem ser formas de construir uma memória. Além disso, eles podem permanecer presentes na memória das pessoas independentemente da data ou época em que foram frequentados. Monumentos dedicados a pessoas mortas, por exemplo, servem como fonte de recordações de um período vivenciado pelo indivíduo ou até mesmo de um período vivenciado por tabela.

As datas também são constituintes da memória. Porém, para uma data se tornar importante e ser marcada como memória ela precisa de um acontecimento. Uma pessoa comum, que não tem sua vida atribuída a acontecimentos públicos, usa como data memorial acontecimentos de sua vida privada; já uma pessoa pública quase que anula sua vida privada reduzindo-se à personagem pública ou representação dessa personagem. Já as datas públicas, como referentes ao final das grandes guerras, podem estar mais ligadas às práticas de comemoração do que as memórias individuais.

Diante desses elementos que são utilizados para construção da memória, e de sua importância para a representação de diferentes épocas da história, é válido ressaltar que a própria memória, em si, é considerada seletiva, nem tudo é lembrado ou registrado. Em longos períodos de tempo, como o de guerras ou de um período militar, só são preservados pela memória os fatos e ações considerados relevantes, ou aqueles que, de alguma forma, se tornaram significantes para quem vivenciou. Além disso, muitas vezes, a memória é em parte herdada, não tendo ligação com a vida das pessoas. Ou seja, fatos que se tornam do conhecimento de indivíduos às vezes são transmitidos e repassados através de outras pessoas.

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo (POLLAK, 1992, p.4).

Isso acentua o fato da memória ser em parte herdada, mas também ser um fenômeno construído através das preocupações pessoais e políticas do momento. Uma vez constatadas essas características, a memória é considerada social e individual, mas que possui uma ligação, mesmo que pequena, com o sentimento de identidade.

Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p.5).

Esse sentimento de identidade baseia-se em três elementos fundamentais. O primeiro é relacionado à unidade física, e diz respeito a fronteira física do corpo da pessoa no âmbito individual e a fronteira de pertencimento ao grupo no âmbito do coletivo. Há também a continuidade dentro do tempo e o sentimento de coerência, em que os vários elementos que constituem um indivíduo são unificados. É válido ressaltar que memória e identidade são negociáveis, sendo assim não são considerados como essências de uma pessoa ou de um grupo.

Ainda em relação à ligação existente entre memória e identidade, o confronto entre memória individual e dos outros deixa evidente que memória e identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais (principalmente aqueles que colocam em combate diversos grupos políticos). Um grande exemplo disso é um certo grupo de pessoas que foi deportado na Segunda Guerra Mundial e que contribuiu para a construção da memória da época. A memória através da vivência desses indivíduos é crítica, uma vez que, quando se trata da memória individual, no momento em que se é colocado (pós-guerra), a sociedade já não quer mais ouvir falar sobre sofrimento. E quando se trata da memória coletiva há um conflito relacionado ao fato de os indivíduos terem sido deportados por motivos diferentes, influenciando assim nas suas vivências.

A memória, principalmente a política, pode sofrer influência de diferentes instituições, em que cada uma tenta construir a que lhe seja favorável (as datas que viram memórias é o

elemento mais afetado por essa influência). No caso da ditadura civil-militar brasileira, muito se é questionado a respeito da data exata que se efetuou o golpe, sendo marcado e divulgado historicamente como o dia primeiro de abril.

Por fim, a memória também pode ser estabelecida através de depoimentos de pessoas que, ao relatarem suas experiências, criam no imaginário de quem está recebendo a mensagem uma proximidade com fatos que não vivenciaram. Em *O dia que durou 21 anos* é frequente o uso de fontes que utilizam de seus depoimentos para consolidar as informações divulgadas na obra. Os depoimentos são carregados de características pessoais que influenciam na forma como ele é conduzido. Além disso, nos depoimentos, ao relatar uma experiência dolorosa, o entrevistado trata um ato pessoal como sendo de outra pessoa ou coletivo. Aqui, a intenção não é de falsificar um acontecimento, mas sim de transferir para outra pessoa uma experiência dolorosa, fazendo com que fique mais fácil ela ser relatada.

Podemos perceber que a memória tem grande importância e carrega grande parte das reconstruções históricas feitas pelos produtos jornalísticos. Por isso, em obras como *O dia que durou 21 anos* fica clara a presença de recursos e elementos que ajudam a reforçar a forte presença de memoricidade.

## 5. ELEMENTOS CONSTITUINTES DE UMA MEMORICIDADE EM *O DIA QUE DUROU 21 ANOS*

A partir do nosso objeto de estudo *O dia que durou 21 anos* e da abordagem das características relativas ao seu gênero documental, foram identificados elementos que validam seu caráter de compromisso com a memória e de representação de um determinado momento histórico. São eles: materiais de arquivo, testemunho como forma de experiência e condução narrativa. Todos eles compõem o corpo de análise deste trabalho e permitem uma construção dotada de memoricidade.

Através desses elementos, é possível identificar algumas particularidades. Ou seja, a maneira como esses aspectos constroem o documentário, tornando-o importante não só pelo assunto abordado, mas também pela forma como é apresentado.

Com base nisso, buscando entender o modo como a narrativa é construída e como os elementos constituintes reforçam o caráter de memória tão importante para obra, é que se torna necessária a análise desses elementos em relação à obra documental.

### 5.1 Materiais de Arquivo

Como já identificado, o documentário *O dia que durou 21 anos* trata de uma importante época da história do Brasil. Com uma abordagem mais política, percebe-se a constante dedicação em estudar e esclarecer a influência externa que o golpe civil-militar e o país sofreram, além do período em si. Em uma época bastante tumultuada e com posteriores desdobramentos, inúmeros são os documentos, entrevistas, notícias, filmagens, fotos e diálogos gravados, que são avaliados e utilizados.

Atrelados a depoimentos e entrevistas, os materiais de arquivo trazem para o documentário uma aproximação mais fiel aos acontecimentos da época, além de fazer com que o público tenha acesso às informações com riqueza de detalhes, garantindo a eles certa familiaridade aos acontecimentos de uma época distante. Os materiais de arquivos, também retomam “fragmentos perdidos”, que por sua vez encontravam-se esquecidos ou silenciados, e dão a eles “lugar de fala” e significados, fazendo com que o esquecimento seja substituído por uma construção de memória diante de certos fatos e informações. E é através dessas lembranças, propiciadas pelos materiais de arquivo, que é desenvolvida uma memória coletiva que tem como objetivo adquirir novas experiências.

Através da utilização de materiais de arquivos em uma obra, como o documentário, observa-se, também, a realocação do passado em um presente, ou seja, fatos distantes cronologicamente tornam-se passíveis de interpretações e análises, uma vez que são

apresentados ao público. Em *O dia que durou 21 anos* constrói-se uma memória e se explica certos fatos abordados através de materiais relacionados à época.

Cada elemento adicionado na forma de um material de arquivo questiona todo o conjunto no qual ele é inserido, fazendo com que ocorram novas interpretações com relação a opiniões já naturalizadas, ou apenas reafirmação dos fatos ali citados. Por isso, cada material de arquivo deve ser organizado através de uma ligação com os testemunhos e fontes presentes na obra, para assim compreender os acontecimentos e representar a pluralidade de fatos de momentos históricos.

Um recurso também bastante utilizado através de materiais de arquivo é o uso de ideias implícitas conduzidas por esses materiais. De modo que, muitas vezes, apenas se apresenta uma ideia questionando algo ou evidenciando um fato, deixando incompleta a “conclusão”. Mostrando logo em seguida materiais de arquivo que, mesmo sem fala, conseguem conduzir o público para a mensagem que se deseja passar.

A trama de *O dia que durou 21 anos* é basicamente construída através de materiais de arquivo da época. Para além das imagens utilizadas como suporte para a condução do documentário, a narrativa utiliza de outros recursos, essenciais para a construção e o desenrolar da obra, como: áudios, gravações e filmagens.

Logo no início do documentário são utilizados fragmentos de áudios gravados por americanos, em que se afirma a garantia do sucesso de seus sistemas, vencendo a qualquer custo. Lyndon Johnson também aparece acusando Goulart da tentativa de levar o Brasil ao comunismo.



**Figura 1:** Divulgação de áudio de conversa entre John Kennedy e Lyndon Johnson – Fala de Kennedy

**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)

[Digite aqui]



**Figura 2:** Divulgação de áudio da conversa entre John Kennedy e Lyndon Johnson – Fala de Johnson  
**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)

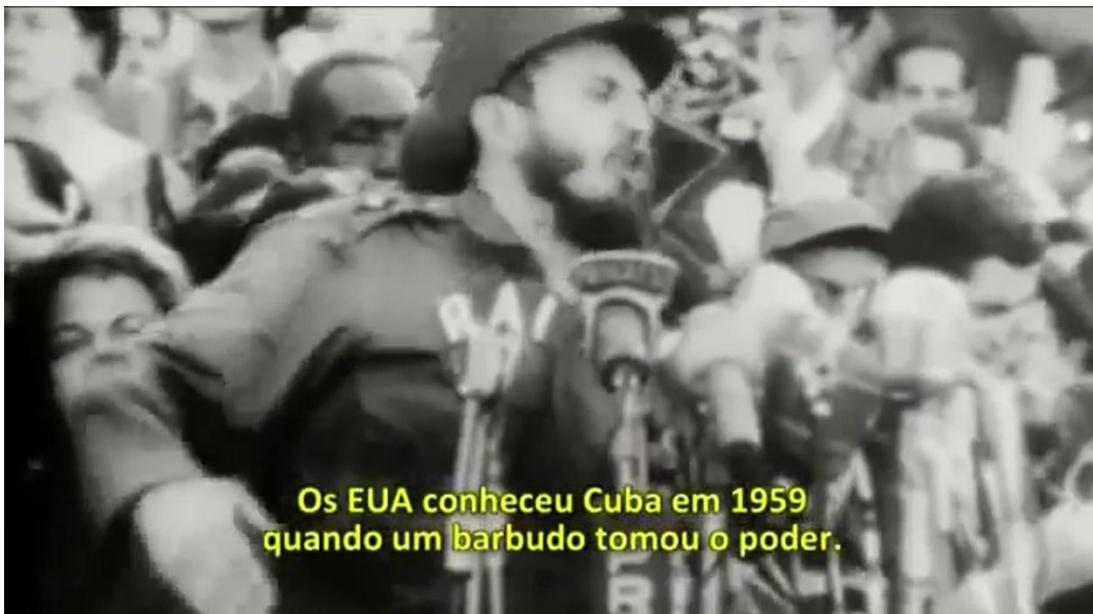
O conteúdo dos dois áudios é responsável por trazer uma antecipação de um dos assuntos abordados, indicando a forma como documentário irá ser conduzido através da utilização dos materiais de arquivo.

Para fazer alusão ao que Lyndon Johnson havia falado em seu áudio, a respeito do comunismo ao qual Goulart estaria levando o Brasil, e relacionando esse comunismo a Cuba, o documentário se utiliza de uma notícia veiculada pela CBS, em que Eric Sevareid demonstra através de um mapa o tamanho do Brasil quando comparado a Cuba. Em seguida, ao apresentar Fidel Castro como: “um barbudo que tomou o poder” utilizam-se fragmentos de filmagens em que Fidel Castro realiza um discurso, criando assim uma aproximação do público com a imagem de um personagem bastante importante para o documentário.



**Figura 3:** Telejornal da CBS – notícia retratando o território de Cuba  
**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)

Ao tratar da renúncia de Jânio Quadros e do momento em que os EUA “descobriram” o Brasil, é utilizada uma imagem do jornal Última Hora de 1961, que estampa a foto de Jânio como o anúncio de sua renúncia.



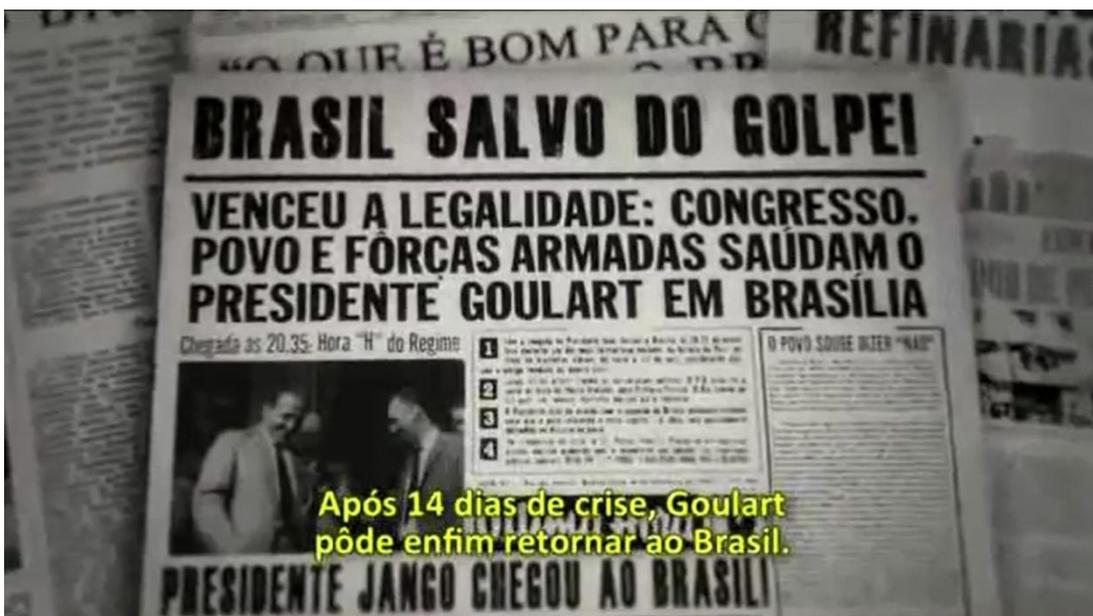
**Figura 4:** Comício no qual Fidel Castro discursava  
**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)



**Figura 5:** Notícia do jornal Última hora que trata sobre a renúncia de Jango  
**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)

Utilizando uma notícia veiculada no jornal como material de arquivo, além de garantir familiaridade do público ao personagem Jânio Quadros, o documentário também tem o objetivo de apoiar-se em fatos concretos e comprovados, ao relatar um acontecimento ao público. Por isso fundamenta a renúncia do presidente com uma notícia da época.

Além de ilustrar e comprovar os fatos relatados pela narração do documentário, o uso de jornais como materiais de arquivo pode ainda ter a função de complementar informações ditas na obra.



**Figura 6:** Notícia do Jornal Última Hora que trata sobre a situação do Brasil  
**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)



**Figura 7:** Jornal Última Hora – Notícia que anuncia a chegada de Jango no Brasil

**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)

Nesses fragmentos retirados de *O dia que durou 21 anos*, no momento em que a narrativa informa ao público a volta de João Goulart para o Brasil, a exibição de notícias de jornais servem para indicar que além da volta de Goulart o país também estava salvo do golpe, e que o Congresso, o povo e as Forças Armadas saudavam a volta do presidente.

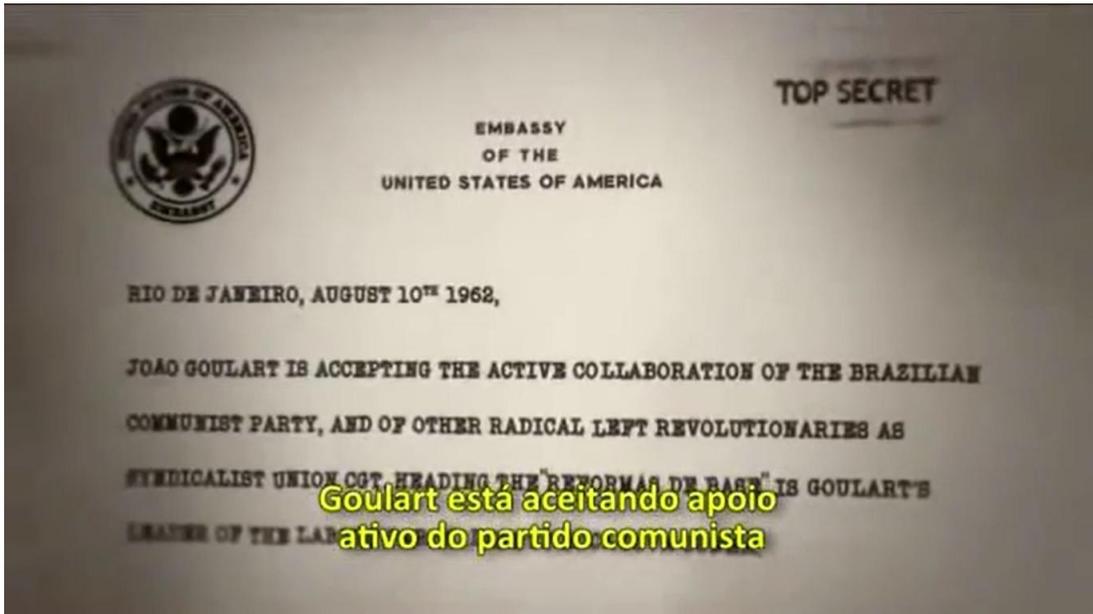
Em diversas vezes na obra, além de jornais, áudios e imagens são utilizados documentos oficiais para também fundamentar as informações divulgadas.



**Figura 8:** Documentos confidenciais

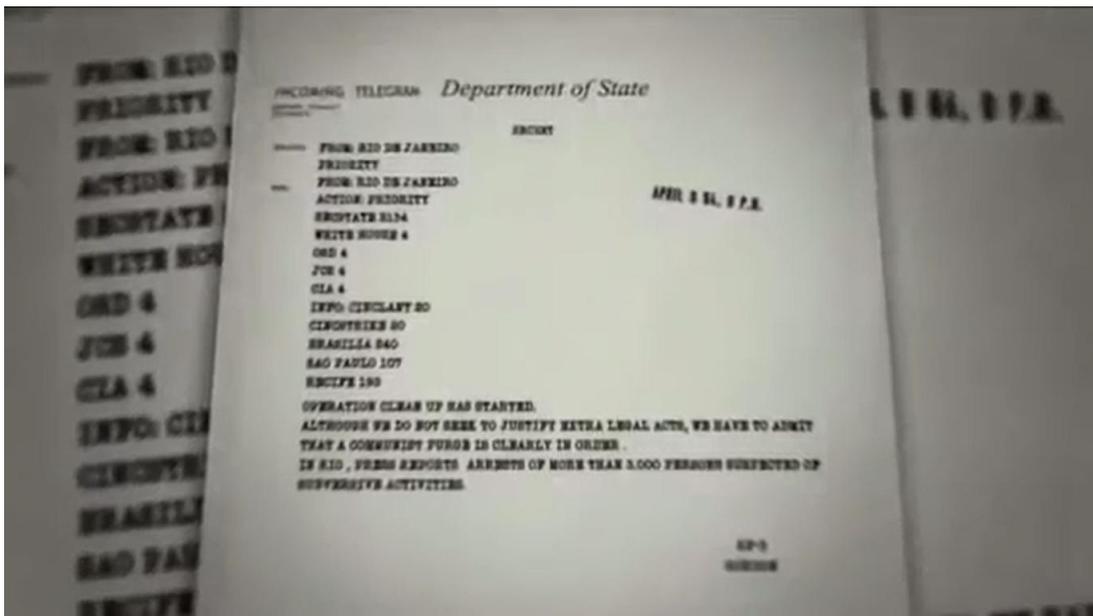
**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)

[Digite aqui]



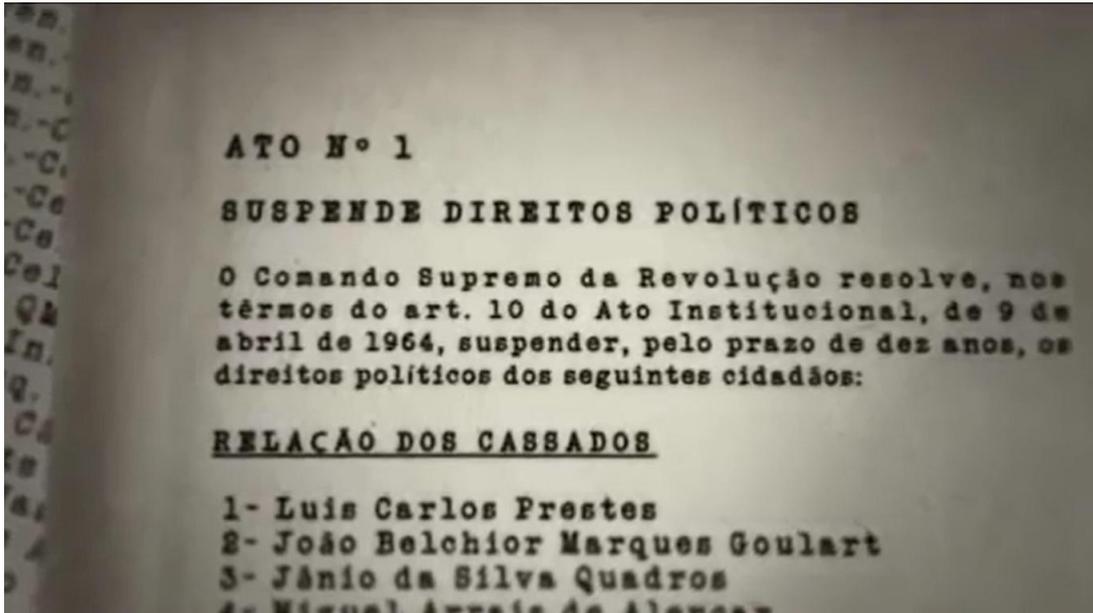
**Figura 9:** Documentos considerados TOP SECRET dos EUA

Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)



**Figura 10:** Documentos do departamento de Estado

Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)



**Figura 11:** Documento referente ao ATO nº 1 (AI-1)

**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)

Nesses documentos, como no caso da imagem referente aos documentos confidenciais, são divulgadas informações até então consideradas secretas para o governo, em que os agentes que apoiavam Gordon são apontados. Já na figura referente ao Ato Institucional 1, ao citá-lo, a exibição da página referente ao projeto serve para o público tomar conhecimento do que se tratava e quais suas implicações.

Por fim, é perceptível ao longo do documentário a conexão, quase que obrigatória, entre o que se está sendo dito e os materiais de arquivo, uma vez que é frequente a aparição de uma imagem ou vídeo que identifica a pessoa citada. Isso acaba por tornar a narrativa mais facilmente compreensível e também garante ao público um entendimento ou identificação de fatos, pessoas e relatos que não fizeram parte da sua realidade.

## **5.2 Testemunho como forma de experiência**

As diversas maneiras de se dar voz aos sujeitos no documentário (sendo através de entrevistas, depoimentos, ou como personagens) não garantem a esses agentes a classificação como atores. Sua presença no trabalho só acontece quando julgada necessária. Sendo assim, os sujeitos presentes nos documentários possuem relevância, já que suas narrativas são empregadas como poder de convencimento acerca de determinado assunto.

Oferecendo ao público uma variedade de vozes, que tratam na atualidade (momento de gravação) de assuntos, muitas vezes com referência ao passado, a narrativa garante e se

ampara em uma representação quase que fiel da realidade, conduzida pelo poder de fala desses sujeitos.

Ao vivenciar, ou até mesmo estudar, um determinado acontecimento, o sujeito passa a adquirir um conhecimento prático e certa experiência a respeito de certo assunto. Essa experiência acaba por ser dotada de diversas particularidades, como a a) verbalidade, que possibilita sua transferência para outra pessoa, ou seja, a vivência de uma pessoa pode ser dividida com outra, b) utilidade, ao ser compartilhada a experiência passa a afetar a vida de quem a recebe, c) tradição, é pela troca de experiência que acontecimentos históricos ou até mesmo a história é repassada. (LIMA, 2007, p.157-164)

Porém, essa troca de experiência e informações possibilitada por sujeitos presentes em documentários, ou outras obras, pode ser afetada ao se tratar de assuntos considerados delicados, como o caso de uma guerra ou de uma ditadura. Por isso, no próprio documentário podemos perceber a presença de sujeitos que tiveram contato, ou estudaram a ditadura civil-militar brasileira, mas que não vivenciaram seu lado mais perverso, como os inúmeros casos de tortura.

Sendo a troca verbal considerada meio principal do compartilhamento de experiências, gera-se uma preocupação a respeito do fato de, uma vez impossibilitada a linguagem, a troca de experiência ser afetada. Para isso, em obras como *O dia que durou 21 anos*, por exemplo, são utilizados outros meios narrativos para a construção da sequência documental.

Existe uma ligação entre documentário e experiência, já que esse utiliza das vozes carregadas de experiência dos sujeitos, como um ato de afetar e ser afetado. Ou seja, ao compartilhar uma experiência em uma narrativa previamente construída, o sujeito e a obra documental promovem uma reflexão ao público. Além disso, em *O dia que durou 21 anos* em que são identificados vários elementos para sua construção, ao relacionar o conjunto da obra com os relatos apresentados, o espectador passa a construir sua própria experiência com base no que identificou.

Considerado um documentário com forte caráter de memoricidade, *O dia que durou 21 anos* garante aos sujeitos um papel de complementação da narrativa, gerando assim um trabalho mais próximo do real e também com uma forte relação entre passado e presente. Podemos ainda destacar na obra analisada a presença de testemunhos conduzidos através da forma jornalística de entrevistas. Porém, poucas são as vezes em que o entrevistador Flávio Tavares aborda os personagens com perguntas para conduzir seus depoimentos.

Logo no início do documentário já são apresentados e utilizados os testemunhos de alguns personagens que serão de grande importância para a obra, além de serem recorrentes

[Digite aqui]

ao longo do trabalho. Com polarizações de ambos os lados (Estados Unidos e Brasil) as fontes se responsabilizam de complementar as informações divulgadas pelos materiais de arquivo, além de acrescentar relatos pessoais (algumas vezes com riqueza de detalhes) que tornam as informações mais reais.



**Figura 12:** Carlos Fico – Historiador pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)



**Figura 13:** Robert Bentley – Assistente do Embaixador Lincoln Gordon

**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)

[Digite aqui]



**Figura 14:** James Green – Historiador – Brown University – EUA

**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)

Os três primeiros personagens (Carlos Fico - historiador da UFRJ, Robert Bentley - Assistente de Lincoln Gordon e James Green - historiador da Brown University) dedicam inicialmente suas falas para tratar do embaixador Lincoln Gordon, sua relação com o Brasil, EUA, e fatos a respeito deles, com falas mais baseadas em conversas e diálogos referentes a assuntos pessoais e internos. Porém, esses são os personagens mais recorrentes do documentário e que, em diversas vezes, retomam seu poder de fala para abordar outros assuntos referentes ao pré e pós-golpe.

Logo em seguida, aparece a figura de Peter Kornbluh (historiador - National Security Archives - EUA) que encerra as falas a respeito de Gordon e se dedica, primeiramente, ao presidente João Goulart e suas relações. Com a presença de entrevistas com Peter Kornbluh, percebemos a existência de dois historiadores americanos, enquanto a obra possui apenas um brasileiro, representado pela figura de Carlos Fico.



**Figura 15:** Peter Kornbluh – Historiador – National Security Archives – EUA

**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)

Com um novo assunto introduzido por imagens e complementado pela fala do deputado Plínio de Arruda Sampaio (Deputado Federal - 1962 a 1964), a questão de terras no Brasil, e a situação do país no época começa a ser abordada. Considerado o relator do projeto da reforma agrária, a escolha da figura do deputado para introduzir o assunto pode ser considerada proposital.

Posteriormente, o deputado irá falar da eleição de 1962 (na qual ele foi candidato) citando o fato de ter sido procurado e oferecido dinheiro para ele defender a democracia, chegando à Câmara uma denúncia de que o IBAD era uma abertura para a conspiração. Nesse momento, sua fala é carregada de experiência, por conta do deputado mencionar e explicar fatos do qual ele vivenciou.



**Figura 16:** Plínio de Arruda Sampaio – Deputado Federal

**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)

A partir disso é apresentado através de um material de arquivo, o discurso de João Goulart na ONU, em que logo em seguida é complementado com uma explicação acerca de Gordon utilizar a reforma agrária e a expropriação de terras para acusar Goulart de aproximação com a extrema esquerda, todo esse raciocínio é fundamentado pela fala de Peter Kornbluh. Neste momento, e em diversos outros, é perceptível a junção entre utilização de material de arquivo e testemunho para tornar a obra mais completa e também mais próxima do caráter de memoricidade que ela se propõe a construir.

Além disso, também percebemos o fato dos testemunhos muitas vezes fundamentarem as informações reveladas em suas falas através de citações e referências a existência de documentos oficiais, como no caso em que Peter Kornbluh evidencia provas de operações secretas e de propagandas da CIA no Brasil.

Algumas figuras são menos recorrentes que as outras e aparecem em pequenos trechos apenas para explicarem termos, lugares ou informações das quais eles tem mais propriedade. Isso acontece com Denise Assis (jornalista e escritora), que dedica sua fala à explicação do que é o IPES (já mencionado anteriormente), apontando-o como “o ovo da serpente do golpe militar”, ela explica onde é a sede do IPES e sua função.



**Figura 17:** Denise Assis – Jornalista e Esritora

Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)

Um testemunho também bastante relevante é o de Laurita Mourão (filha do general Olympio Mourão) que mesmo aparecendo poucas vezes conta sobre a operação Brother Sam, na qual, as tropas dos EUA se preparavam para invadir o Brasil e apoiar o golpe caso acontecesse alguma reação por parte dos militares que apoiavam João Goulart. Por ser filha de Olympio Mourão, Laurita conta detalhes sobre o general e suas relações.

### 5.3 Condução Narrativa

Narrar significa buscar e estabelecer um encadeamento e uma direção, investir o sujeito de papéis e criar personagens, indicar uma solução. As narrativas, assim, tecem, a experiência vivida e podem aparecer no cotidiano, contadas pelos seres humanos, ajudando-os a viver e agrupando-os, distinguindo-os, marcando seus lugares e possibilitando a criação de comunidades (LEAL, 2006, p.20).

Em um documentário, ou até mesmo em outra obra jornalística, a narrativa e sua sequência tornam-se essenciais, uma vez que são através delas que o autor orienta e deixa mais claras para o espectador as informações ali divulgadas. É importante também a escolha das sequências e sua ligação com texto e música, que fazem com que o espectador fique atento do início ao fim da obra.

A narrativa, quando composta essencialmente por materiais de arquivo e testemunhos, é montada por meio de uma redistribuição de fragmentos e uma nova ligação entre eles, que possibilita um novo significado. Ou seja, ao construir a trama, a narrativa é conduzida, de acordo com a mensagem que se deseja passar ao espectador. Materiais de arquivo ou outros elementos, quando utilizados em uma nova montagem, obedecendo a uma sequência já

[Digite aqui]

pensada anteriormente, acabam por produzir novas associações de ideias e, com isso, novas experiências de conhecimento.

Em *O dia que durou 21 anos*, a ligação entre materiais de arquivo e presença de testemunhos ao longo do documentário é pensada e construída para dar conta de esclarecer ao público informações relevantes sobre o período da ditadura civil-militar no Brasil, além de garantir, através da sua sequência narrativa, um forte caráter de memoricidade. Assim, ao assistir a obra, o espectador consegue se situar historicamente e construir no seu imaginário uma sequência de fatos que, muitas vezes, não fizeram parte da sua vida.

Algumas vezes, no documentário, a utilização de uma imagem, ou o desenrolar da própria sequência narrativa, dão conta de passar para o público as informações desejadas, sem serem necessários textos ou uma voz que narra os acontecimentos. Ou seja, quando inseridas em uma narrativa bem consolidada, em que o encadeamento de informações já acontece de maneira satisfatória, há a compreensão das informações implícitas e dos recursos utilizados.



**Figura 18:** Data que representa o Golpe Civil-militar Brasileiro

**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)

A imagem de um relógio que muda da data do dia 31 de março de 1964 para o dia primeiro de Abril representa o momento do golpe civil-militar no Brasil. Mesmo estando inserida no início da obra, a imagem propicia um entendimento a respeito do que já foi dito e do que posteriormente será desenvolvido no documentário, isso tudo sem precisar de uma base textual ou uma voz narrativa.

[Digite aqui]

Podemos também destacar a junção entre texto verbal e visual (imagens) que se completam para dar significado ao documentário. Mesmo estando em uma narrativa completa e linear, determinadas informações como imagens de locais, personagens (que aparecem pela primeira vez na obra), acontecimentos, necessitam de uma complementação por meio de textos ou voz narrativa.



**Figura 19:** Visita à China – 13 de Agosto de 1961

**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)



**Figura 20:** Leonel Brizola em Porto Alegre – 27 de Agosto de 1961

**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)

[Digite aqui]



**Figura 21:** Discurso de João Goulart

**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)



**Figura 22:** Protesto acompanhado de áudio de Leonel Brizola – 30 de Agosto de 1961

**Fonte:** [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s)

Nesses fragmentos, as imagens que representam locais, personagens e materiais de arquivo (como áudios), são acompanhadas de identificação do que se trata e de informação sobre a data, criando assim um caráter de memória, além de permitir que o espectador se situe a respeito do que está sendo representado naquela narrativa.

Como percebemos, *O dia que durou 21 anos* contempla e aborda diversos elementos para a construção de uma memoricidade, dentre eles: materiais de arquivo, testemunho como forma de experiência e condução narrativa. Também é através desses elementos e de toda a

[Digite aqui]

condução da trama narrativa que o público tem acesso à informações importantes referentes a uma certa época, tensionadas e reinterpretadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou abordar e entender acontecimentos referentes ao golpe civil-militar brasileiro de 1964. Utilizando como objeto de estudo o documentário *O dia que durou 21 anos*, articulou-se uma discussão acerca das representações em torno da memoricidade e da relação com o tempo presente.

A partir das seguintes categorias: materiais de arquivo, testemunho como forma de experiência, condução narrativa, a análise se debruçou na compreensão do documentário, ao destacar e identificar tais elementos para firmar uma articulação em torno de um caráter de memoricidade. Além de gerar uma discussão com relação ao regime militar no Brasil, o documentário, ao apresentar notícias e informações inéditas, sugere, ao mesmo tempo, um embate entre a apreensão explicativa sobre um determinado período e a percepção de um cenário sobre o passado reinterpretado.

Diante do percurso estabelecido, e da análise descritiva em si, a pesquisa adquire instigante relevância. Neste momento em que tanto se debate a respeito de certos retrocessos no país, entender antecedentes factuais e acontecimentos desdobrados a partir do período aqui abordado, por meio de nosso objeto, é perceber como um período conturbado, em que diversas pessoas foram exiladas, mortas e submetidas à tortura, reflete tensionamentos na rememoração, na tomada das experiências durante os anos, nas várias conduções narrativas e nas tantas construções e reconstruções da realidade. É nessa perspectiva que podemos situar a importância de *O dia que durou 21 anos* e suas diversas possibilidades de interpretação, tendo em vista o seu encadeamento e sua proposta discursiva de convencimento.

Além disso, refletir jornalisticamente sobre esses relatos e essas constituições narrativas é buscar compreender como os pontos de vista de uma dada época podem adquirir força no decorrer dos anos, em sua constatação ou na sua negação. Portanto, verificar as tantas vozes de uma obra documental como *O dia que durou 21 anos* é falar sobre memoridades, esquecimentos, possibilidades e reinterpretções.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Claudio. **A regra do jogo**. São Paulo. Companhia das letras, 1988.

BARBOSA, Marialva Carlos. **Tempo, tempo histórico e tempo midiático**. In: MUSSE, Christina Ferraz; NICOLAU, Marcos; VARGAS, Herom. **Comunicação, mídia e temporalidade**. Salvador, 2017.

COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e Poder**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008.

CONSUELO, Lins; MESQUITA, Claudia. **Filmar o real – sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. 1ª ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2008.

FICO, Carlos. **Além do golpe**. São Paulo. Record, 2004.

GALLO, Carlos Arthur; RUBERT, Silvana. **Entre a memória e o esquecimento: estudos sobre os 50 anos do golpe Civil-Militar no Brasil**. 2014, p.19-54.

GASPARI, Elio. **As ilusões armadas – A ditadura envergonhada**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Intrínseca, 2014.

GASPARI, Elio. **As ilusões armadas – A ditadura escancarada**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2014.

GUIMARÃES, César Geraldo; LEAL, Bruno Souza. **Experiência estética e experiência mediada**. In: Intexto. Porto Alegre. UFRGS, 2008.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda – Jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988**. 1ªed. São Paulo. Boitempo, 2012.

LABAKI, Amir. **3 questões sobre documentário**. Folha de S.Paulo. São Paulo, 2002.

LEAL, Bruno. **Saber das narrativas: narrar**. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (Org.). Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LIMA, Cristiane da Silveira. **Experiência e documentário, algumas reflexões**. In: revista comunicacionais. Curitiba, 2007.

MELO, Cristina Teixeira Viera de. **O documentário como gênero audiovisual**. In: *Comum. Inf*, v.5, n.1/2, ed. jan/dez.

MUSSE, Christina Ferraz; NICOLAU, Marcos; Vargas, Herom. **Comunicação, mídia e temporalidades**. Salvador, 2017.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Editora Papyrus, 2005.

PEQUI Filmes. Direção: Camilo Tavares. Produção: Karla Ladeia. Roteiro Original: Camilo Tavares. 2012. 77 min. **O dia que durou 21 anos**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w\\_k\\_ciw&t=113s](https://www.youtube.com/watch?v=nmT6w_k_ciw&t=113s). Acesso em: Fevereiro de 2018.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1992.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal ... O que é mesmo documentário?** . 2ªed. São Paulo. Senac, 2008.

SILVA, Mariana Duccini Junqueira da. **Fragmentos de memória: reinscrição de significados em documentários de compilação**. In: *Revista Contracampo*, v. 24, n. 1, ed. julho, ano 2012. Niterói: Contracampo, 2012. Pags: 195-212

TAVARES, Flavio. **1964, o golpe**. São Paulo, L&PM, 2014.